



Área na Grande São Pedro na década de 90, que era um lixão e deu lugar à Usina de Lixo de Vitória

# Passado de luta em Resistência

*O bairro surgiu de uma ocupação, em 1983, por 400 famílias. Elas montaram barracas, demarcaram lotes e resistiram para obter posse*

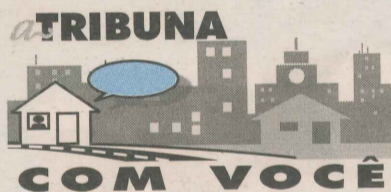
**R**ua da Luta, rua da União, de São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição. Basta percorrer algumas ruas do bairro Resistência, em Vitória, para entender que ali moram pessoas que têm uma história de fé e raça para contar.

A região da Grande São Pedro começou a ser invadida nos anos 70, mas foi em maio de 1983 que ocorreu a invasão coletiva do loteamento Floresta da Ilha. O título de Resistência foi dado depois, diante da persistência popular.

Cerca de 400 famílias começaram a chegar de madrugada, num único dia. Eles demarcaram os locais dos futuros lotes com pedaços de pau e dormiam lá mesmo, ao relento, sob a lona.

Durante muito tempo a iluminação só era possível com o uso de velas e lamparinas. Com medo de incêndios destruírem os barracos, muitos sequer dormiam. Outro motivo para os moradores ficarem de guarda era a tensão provocada à espera de um mandado de despejo.

A aposentada Argentina Lauriano Damasceno, 76 anos, não esquece um só detalhe do que viveu. Um dos dois filhos dela



chegou a ser detido em função da invasão, disse ela.

"Tinha gente de diversos lugares para invadir a área da Curva da Morte. Nunca soubemos os nomes dos proprietários de verdade. Na época, vinham capangas armados para recuperar os lotes".

Era no quintal de Argentina que a vizinhança conseguia água. "Tenho um poço com água potável até hoje. As mulheres e crianças esperavam o sol nascer e vinham encher os baldes", lembrou.

"Aqui era tudo mangue e, quando a maré enchia, formava lagoas. Os pais tinham que cuidar das crianças pequenas com medo da água levar", lembrou o casal Maria da Glória, 53, e Arnado Eugênio dos Santos, 59, o baiano.

O lugar era um verdadeiro lixão e muitos moradores se subsistiam do que tiravam do lixo. A área virou a Usina de Lixo de Vitória.

## SAIBA MAIS

**Resistência** - Resistência ganhou esse nome devido à luta e persistência das 400 famílias que ocuparam a área, em 1983. Hoje 23 anos depois, já são cerca de 7 mil habitantes.

**Pobreza** - O começo foi marcado por extrema pobreza. Os invasores eram, em geral, pessoas pobres e em busca da casa própria. Não havia água encanada e a iluminação só era possível com o uso de velas e lamparinas, contou uma das moradoras mais antigas, Argentina Lauriano Damasceno, 76.

**Lixão** - Urubus, dejetos domésticos e até de animais também marcaram o passado de Resistência. No início, foi do lixão da Grande São Pedro, hoje uma Usina de Lixo, que muitos deles viveram e encontraram meio de sobreviver.

**Mobilização** - A organização popular, a participação das igrejas católica e evangélicas foram fundamentais para o desen-

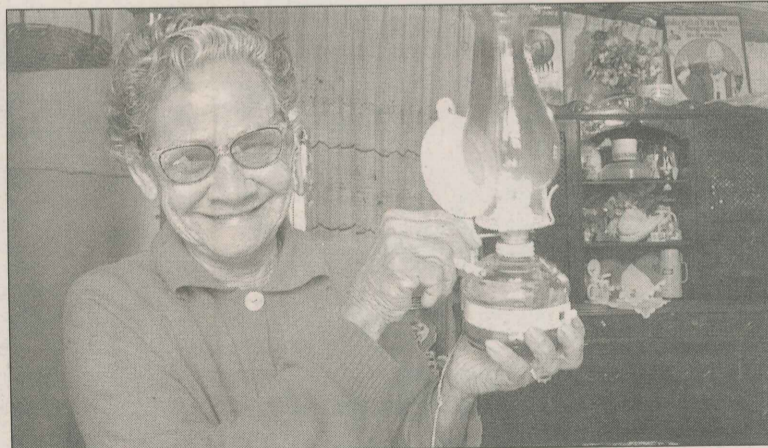
volvimento local. Elas doavam alimentos e roupas, e faziam campanhas para ajudar a oferecer acompanhamento médico.

**Tumulto** - Muitas brigas e enfrentamentos foram registrados. Um dos piores ocorreu em 30 de setembro de 1983, quando foi registrado quebra-quebra e vários barracos foram reduzidos a pedaços de madeira.

**Futebol** - Através do futebol, os moradores ficaram ainda mais amigos. O bairro chegou a ter 12 times. Entre os mais antigos estão o Renascente Futebol Clube, formado em 1989, e o Olaria, que surgiu na década de 90.

**Mudanças** - Desde a última visita de **A Tribuna com Você** ao bairro, em fevereiro de 2000, algumas mudanças importantes ajudaram a dar um novo rumo à história de Resistência, como a construção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rita de Cássia Silva.

FÁBIO NUNES/AT



Argentina mostra lamparina dos primeiros tempos no bairro

## Cooperativa vai gerar empregos

Em meio a tanta gente desempregada no bairro Resistência, em Vitória, moradores, com a ajuda do conselho escolar do colégio e da creche da comunidade, criaram a Cooperativa de Trabalhadores de Limpeza e Manutenção do Espírito Santo (COOPTLIM). A empresa já tem 160 cooperados e deve começar a gerar emprego a partir de janeiro.

De acordo com o diretor do Centro Municipal de Educação Infantil (Cmei) Anísio Spínola Teixeira, Aguiberto de Lima, um dos idealizadores, falta pouco para a formalização da entidade. A intenção é que a cooperativa participe de pregões eletrônicos de prefeituras para prestar serviços de faxina e manutenção, e também em condomínios.